

Fotografia documental: uma visão sobre o Capim Dourado¹

Ana Cristina PULGATTI²
Marcus Túlio Borowiski LAVARDA³
Universidade Federal do Maranhão
(campus de Imperatriz)

RESUMO

Este relatório é parte de uma pesquisa realizada no Jalapão, em Tocantins, sobre a produção e comercialização do Capim Dourado, defendida no curso de Comunicação Social/Jornalismo, na Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz, no ano de 2011. Com a utilização dos recursos da fotografia documental, pretendeu-se refletir sobre o artesanato feito a partir do Capim Dourado, desde sua colheita até a sua comercialização incluindo, também, os problemas enfrentados pela comunidade local em sobreviver desse artesanato. A pesquisa resultou em um livro de fotografia, tendo a imagem fotográfica como suporte para representar os personagens e paisagens daquela comunidade. Sendo assim, este relatório é uma maneira de compartilhar a experiência de produzir um trabalho de fotografia documental.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Fotografia Documental; Capim Dourado.

1 INTRODUÇÃO

Com a curiosidade e o desejo de buscar mais informações, nasce o projeto “*Fotografia Documental: Uma Visão sobre o Capim Dourado*”, uma pesquisa que tem como pretensão lançar mão dos diversos recursos tecnológicos e linguísticos proporcionados pelo jornalismo e, em particular, a fotografia. Apoiando-se nas técnicas do fotodocumentário, foi registrada a cultura do manuseio do Capim Dourado. O Capim Dourado ocorre em campos úmidos próximos a veredas em diversas regiões do Cerrado – nos estados de Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Bahia. Na região do Jalapão, em Tocantins, é usado para a confecção de artesanato há mais de 80 anos, na comunidade negra da Mumbuca, município de Mateiros.

As costureiras do Capim vivem de geração em geração transmitindo a arte de costurar os fios dourados juntamente com a Seda do Buriti (espécie de linha com a qual se costura as hastes do Capim). Técnica esta que aprenderam com os índios Xerente que vinham da região do Rio Araguaia e com os negros quilombolas. Após o ano 2000, mais de 15 associações foram criadas em toda região tendo mais de 600 artesãos cadastrados.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria V-Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação. Modalidade a. Edição de Livro.

² Aluno líder, recém-graduado em Jornalismo. email: aninhapulgatti@hotmail.com.

³ Orientador. Professor do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFMA, campus de Imperatriz. E-mail: marcustulio77@gmail.com

Com o passar dos anos, os artesãos aperfeiçoaram a arte da colheita e costura do Capim Dourado – que nasce nos meses de abril a junho e só pode ser colhido nos meses de setembro a novembro, respeitando as normas e as leis do Estado do Tocantins. O artesanato de Capim Dourado foi identificado como uma potencialidade econômica da região e é uma atividade extrativista que pode estar associada à conservação do Cerrado no Jalapão.

É vivendo na realidade da comunidade que é possível conhecer e perceber que palavras são insuficientes para demonstrar tais riquezas de cultura. O fotodocumentário tem por finalidade conduzir o espectador a um novo mundo. As imagens coletadas do Capim Dourado deverão informar o leitor sobre os diversos instantes que fazem parte da realidade daquela comunidade e, além disso, sensibilizar os espectadores fazendo com que tomem conhecimento sobre o Capim Dourado e as pessoas envolvidas na confecção do produto.

2 OBJETIVO

Este relatório visa explicar o livro de fotografia produzido a partir do cotidiano dos artesãos que vivem do trabalho realizado com o Capim Dourado. Pessoas que colhem, selecionam, costumam, vendem as peças “de ouro” (tal aparência se dá quando o Sol reluz no Capim) e até trocam por comida (escambo). Aproximando-se dos costumes da região, esta pesquisadora se inseriu no dia-a-dia das costureiras para conhecer em pormenor o processo de produção do Capim Dourado e, assim, elaborar as imagens fotográficas que farão parte do referido livro.

3 JUSTIFICATIVA

Para obter uma imagem fotográfica é necessário o fotógrafo, a tecnologia disponível e um acontecimento. Cláudio Kubrusly (2006, p. 28) afirma que “É impossível separar a fotografia do tema fotografado, mas ela não é o tema, é apenas o vestígio deixado por ele no momento mágico do *clic*”. Sendo assim, a fotografia passa a ser um instrumento que auxilia na comunicação representando os feitos do homem e suas ações no espaço e no tempo.

Na sociedade atual, a fotografia tem a pretensão de substituir a realidade, pois o ser humano contemporâneo não possui tempo para receber informações diretas de todos os lugares. Destarte, a imagem fotográfica corrobora com uma visão de determinado fenômeno, num mundo que está em constante transformação.

O trabalho de documentar, por intermédio da imagem, toda esta cultura é fundamental para se conhecer os problemas e as dificuldades sofridas pelos artesãos. Sousa

(2004, p. 55) descreve esse desejo de “(...) conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa. As palavras são insuficientes”. O registro é de suma importância, tendo em vista que, se não preservado, o Capim Dourado poderá desaparecer. O artesanato percorre gerações em uma comunidade que, em grande parte, depende da comercialização das peças feitas com o Capim Dourado para sobreviver. Uma cultura que não é registrada, não poderá ser lembrada.

No livro, o espectador encontrará uma subdivisão para melhor entender o processo do artesanato. Nas primeiras páginas está o caminho para os campos onde o Capim Dourado nasce de forma natural. Em seguida, as imagens mostram as costureiras tecendo as hastes do Capim e confeccionando diversas peças artesanais. O último processo registrado é a comercialização, totalizando 60 páginas que contam os principais passos da cultura artesanal com o Capim Dourado.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O primeiro aspecto que chamou atenção para escolha do tema foi o *déficit* em registros visuais e documentais sobre o Capim Dourado. Isto fortaleceu o desejo pela pesquisa. De forma geral, os poucos registros existentes tem por interesses fatores isolados que leva a alguma publicidade ou registro do ecossistema.

Durante a elaboração desta pesquisa, foi feito uso da consulta bibliográfica e da pesquisa de campo, constatando-se, assim, que poucos são os livros que retratam o artesanato feito no Jalapão com o Capim Dourado. Destarte, um importante meio de pesquisa foram os artigos e estudos feitos pelo Órgão de Preservação do Cerrado – PEQUI, encontrados no *site* e colhidos em entrevista com uma pesquisadora do mesmo projeto⁴.

Para melhor embasar o estudo, também foram utilizados diversos livros que retratam o tema do documentário, pesquisa social e científica, fotografia, teoria da imagem, fotojornalismo e fotodocumentarismo. Após a análise dos textos, artigos e pesquisas, foi feito um aprofundamento na pesquisa de campo no município de Mateiros – conhecido como a capital do Jalapão – que produz naturalmente o Capim Dourado.

⁴ SCHMIDT Isabel B.; FIGUEIREDO, Isabel B. **Extratativismo de Capim Dourado no Jalapão: potencialidades e perigos.** Projeto Conservação e Manejo de Capim dourado no Jalapão. Parceria IBAMA & PEQUI - Pesquisa e Conservação do Cerrado. Disponível em: <www.pequi.org.br/capim.html> Acesso em: 26 fev. 2012.

Para realização do projeto, foi escolhido um equipamento que possibilitasse registrar com qualidade e segurança toda cultura que iria ser documentada, pois a comunidade era de difícil acesso. Foi utilizado um gravador para as entrevistas, um corpo de câmera fotográfica Nikon D200 e D90, uma lente teleobjetiva, uma lente grande-angular, uma lente micro, três cartões de memória, um tripé, duas baterias, cabos, bloco de notas e um notebook.

Em duas visitas ao local da pesquisa, foram colhidas informações, imagens e entrevistas com os artesãos para um melhor aprofundamento no assunto. As respostas obtidas nas entrevistas que tiveram como base perguntas pré-estabelecidas, serviram de apoio para entender a realidade do Capim Dourado na região do Jalapão. Além disso, a produção das fotografias requer um contato direto com o dia a dia de quem trabalha com o artesanato. Logo, na primeira visita, constatou-se que é necessário um bom diálogo com os personagens. Uma grande maioria dos artesãos tem receio das intenções do jornalista, fato que exige uma boa dose de afinidade e compreensão por parte do pesquisador.

Na primeira visita em outubro de 2010 foi necessário urgência, pois, como a colheita só é realizada uma vez por ano, teve-se apenas uma oportunidade para registrar tal acontecimento e cumprir o prazo na entrega do projeto. O fazer se contrapôs com a falta de tempo. Durante este período, foi constatado o péssimo acesso geográfico à região, causando, assim, uma dificuldade na difusão do artesanato. Quem tira proveito desta situação são os atravessadores do artesanato que compram as peças ou até trocam por comida (escambo) por preços mínimos, e revendem com até cento e cinquenta por cento de lucro. Para combater tal situação foi criada uma associação dos artesãos (Associação Comunitária dos Artesãos e Pequenos Produtores de Mateiros – TO), que conta com mais de 600 integrantes e respeitam normas internas e instruções dadas pelo IBAMA para a preservação do Capim Dourado.

Na segunda visita, 16 a 23 de maio de 2011, o trabalho fotográfico foi um pouco diferenciado. Por já conhecer as necessidades do projeto e os locais onde as imagens deveriam ser coletadas, foi possível imprimir mais agilidade na captura dos dados, embora houvesse situações não previstas, tais como: o clima não era mais ensolarado como na primeira visita devido à mudança de estação. Choveu todos os dias durante a cobertura fotográfica. A temporada não era de turismo e, sendo assim, muitas costureiras reduziram seu ritmo de trabalho se concentrando mais no serviço doméstico.

Ao constatar situações imprevistas, precisou-se reajustar o planejamento. O objetivo precisava ser alcançado e as soluções precisavam ser encontradas. Um exemplo foi a primeira e última página do livro. O planejamento era iniciar com o nascer do Sol e encerrar com o pôr do sol. Chegou-se a acordar às quatro horas da manhã, e após uma longa caminhada, perceber que o sol não iria nascer. Não foi possível ver o nascer do sol em Mateiros por três dias.

Fotografar ‘para contar’ corresponde ao momento em que o pesquisador compreende e, de certa forma, domina o seu objeto de estudo, podendo, portanto, utilizar a fotografia para destacar com segurança aspectos e situações marcantes da cultura estudada e desenvolver sua reflexão apoiada nas evidências que a fotografia pode apontar (GURAN, 2002, p. 97).

O principal meio de produzir o material visual foi à utilização dos recursos fornecidos pela máquina fotográfica, para capturar imagens que documentam a cultura pesquisada. A escolha dos ângulos, cenários e personagens está ligada ao desejo de mostrar cada passo da cultura artesanal com o Capim Dourado. Cada instante registrado foi pensado para representar o fazer humano no artesanato. O detalhe das mãos, plano fechado nos dedos, pés cruzados, boca na seda do Buriti, tem por finalidade levar o receptor a conhecer o momento em que o Capim foi colhido e costurado.

O trabalho minucioso feito pelos artesãos foi retratado por meio das agulhas, alicates, fios dourados, tubo de cola vazio, latas e peças colocadas à venda, sendo identificadas por uma etiqueta com os dados dos artistas, intencionalmente retratados para apresentar a simplicidade da costura, do local e das pessoas. A escolha de cada objetiva fotográfica teve como intenção capturar o melhor ângulo para, assim, tentar transmitir para o papel fotográfico a vivacidade do dourado e a agilidade dos trabalhadores. Em muitas fotografias o rosto dos personagens foi omitido propositalmente para valorizar a produção do trabalho que estão realizando.

Após capturar as imagens num total de 1.830 fotogramas, iniciou-se uma edição realizada em três etapas: na primeira foram selecionadas as 400 melhores cenas; na segunda, realizada com as imagens da primeira, reduziu-se para 200 e, por fim, na terceira e última foram selecionadas, entre as 200, somente 65. Estas foram separadas para tratamento e utilização no livro. O processo de seleção foi delicado e preciso, sendo um pouco doloroso separar um número tão baixo de imagens para o trabalho final. Após a seleção, as mesmas foram organizadas, tratadas pelo *software* de edição de imagens para a

diagramação. O tratamento utilizado não alterou nenhuma imagem. Os únicos recursos foram o contraste e brilho.

A opção por fotos coloridas foi adotada para poder “imitar a realidade” (GURAN, 2002, p. 19). O Capim Dourado é conhecido como “Capim de Ouro”, pois quando exposto ao Sol, reluz igualmente ao ouro. Tentando mostrar essa beleza, o uso das cores foi essencial.

Com uma linguagem poética, as legendas assumem uma forma discreta nas páginas do livro. Pequenas e sucintas, elas devem levar o leitor ao imaginário do instante congelado, com a intenção de descrever mais delicadamente o que não está obvio na fotografia. Como recurso de informação foi elaborada uma ficha técnica, que se encontra na página 52, descrevendo assim cada opção da fotógrafa nos ajustes da máquina fotográfica.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A diagramação foi idealizada para que as imagens narrem os acontecimentos em sequência, sendo que cada imagem dialoga com as demais, no interior de cada página, para que a narrativa visual flua com coesão. O livro possui 55 páginas e nelas se encontram 65 imagens que, divididas internamente, seguem uma sequência cronológica do processo artesanal feito com o Capim Dourado. As imagens estão todas coloridas e sem alterações. As cores predominantes são: preto, dourado e branco. O preto foi utilizado em boa parte dos fundos por conta do contraste com o dourado. O branco tem por finalidade suavizar e contrastar com o preto. Pela coloração do Capim, a cor dourada está presente nas imagens.

A capa do livro mostra uma Mandala, objeto feito com o Capim Dourado, que retrata o Jalapão. Seu valor comercial varia entre 35 reais a 300 reais, dependendo do seu tamanho. Na contracapa foi dada ênfase nas hastes e cabeça do Capim Dourado, já que não podem ser vendidas *in natura* para fora do Jalapão.

Nas duas primeiras páginas foi exposta uma das belas paisagens encontradas no Parque Estadual do Jalapão. Sem a legenda, o receptor é convidado a mergulhar nas belezas do local. As cenas da estrada abrem e fecham o livro propositalmente com dois significados: para demonstrar que o Jalapão é um local de difícil acesso e para conduzir o espectador a uma viagem de descobertas.

O diálogo entre legenda e fotografia começa na página oito com Dona Petrolina. Mulher de 101 anos nascida, criada e que ainda mora no Jalapão. Ela acolheu esta

pesquisadora com entusiasmo e alegria. A colheita fotografada realizou-se em sua propriedade. Entre os colhedores estavam dois sobrinhos.

O conteúdo principal inicia-se na página dez que começa pela colheita. Homens e mulheres percorrem longos caminhos até encontrar os campos alagados – perto de matas ciliares – onde nasce o Capim Dourado. Ocorre, às vezes, de fazerem longas viagens em busca de um Capim com hastes mais firmes e em abundância.

Na página onze é utilizado um recurso de três imagens em uma única página, em uma sequência lógica: campo, capim e mão na colheita. A imagem do Capim Dourado no campo serve para esclarecer que ele é nativo, nasce no meio de outro tipo de vegetação. Para ser colhido é necessária muita atenção e paciência.

As páginas 12 e 13 retratam o personagem Paulo. Com grande atenção para o dourado refletido nos fios. Esses detalhes seduzem o olhar do leitor.

A fotografia, sendo um discurso que fala do humano, de sua relação com o mundo, no qual e sobre o qual atua, e das inter-relações humanas que fundam a sua sociedade, não teve dificuldades de ser trabalhada nos meios impressos de informação. Combinando-se muito bem com o texto escrito, a narrativa fotográfica passou a exercer também a função de cativar o destinatário pela sedução do olhar. (PERUZZOLO, 2008, p. 64).

De forma discreta as legendas são utilizadas com a finalidade de apenas instruir o leitor a algo mais que está fora do quadro fotográfico. Uma imagem expressiva não precisa ser explicada com muitas palavras, fato que deixa para o leitor a interpretação da cena.

A colheita continua nas páginas 14 e 15. Em contraste com o Buriti, a colhedora Jucileide aparece analisando o material colhido. Por qual finalidade? Com a chegada das chuvas, o Capim começa a escurecer e perde seu valor. A página 16 é reveladora: ela mostra na imagem 16.1, de forma mais ampla, o campo do Capim Dourado. E entra em contraste com o sol escaldante recebido por quem colhe. A página 17 mostra a colhedora organizando o Capim.

A próxima sequência, páginas 18, 19 e 20 retrata Dona Luziene e finaliza o primeiro processo do artesanato com o Capim Dourado: a colheita. Em um segundo quase que perdido, foi registrado o momento exato no qual a colhedora separa a cabeça do Capim (para reprodução, germinação e um novo capim) para cortar e, assim, jogar no campo da colheita. De acordo com estudos realizados pelo projeto PEQUI, de cada 100 sementes 90 germinam e dão novas plantas.

É importante registrar esse processo, pois demonstra a preocupação em preservar a natureza por àqueles que vivem da planta. Um fator citado em todas as entrevistas feitas

pela pesquisadora é o de roubo do Capim. Pessoas que não são credenciadas na Associação invadem campos antes das colheitas e pegam com antecedência os fios dourados. No dia 20 de setembro (data estabelecida para iniciar colheita), quando os colhedores vão a campo, percebem que o Capim já foi colhido.

Na costura, utiliza-se a seda do Buriti como linha. Todos os objetos de grande porte são costurados com os fios retirados do Buriti. Pensando em uma breve ilustração dessa situação é que, nas páginas 21, 22 e 23 o Buriti é fotografado. Seu Arenaldo foi fotografado fazendo esse serviço

Começando a segunda divisão do trabalho, a costura, encontra-se na página 24 a descrição de um fato comum para quem tece o artesanato. Levando em consideração que o Capim é colhido somente uma vez por ano, ele precisa ser armazenado, pois o artesanato é feito durante os 12 meses do ano. Após ser guardado, o Capim perde líquido e se torna seco e quebradiço. Para facilitar a costura, ele é exposto ao sol e depois mergulhado na água por alguns segundos. Após esses procedimentos, as costureiras podem fazer belas peças novamente.

Mãe e filha são retratadas na página 25. No quintal de casa está o papagaio, o cachorro e o neto. Toda família vive com a renda do Capim Dourado. Nas páginas 26 e 27 a opção por estender a imagem por duas páginas tendo como objetivo chamar atenção para os detalhes: linha, mão, cor, fios ordenados na costura. Todo um conjunto que forma uma bela imagem. Um instante congelado que se eternizou.

Para descrever a agilidade e a habilidade de costurar uma boa peça, a página 30 é formada por fotografias captadas em ângulos diferentes. Na foto 30.1 a costureira, por alguns segundos, quando a seda do Buriti acaba, toca a linha e molha com a boca. Ao perceber que seria fotografada, olha sorrindo para a câmera. Na imagem 30.2 foi necessário colocar a máquina fotográfica por cima da costureira. Ela calcula o tamanho da peça que se tornará um *suplá*⁵.

As páginas 31 e 32 continuam com a sequência de artesãs. Já na página 33 o artesanato é modificado. Antes foram registradas grandes peças: bolsas, *suplãs*, jarros, fruteiras etc. Nessas novas fotografias é retratada a confecção de bijuterias. O procedimento tem como auxílio alguns objetos diferentes, tais como: bastão de cola vazio, alicate, tesoura, lata de leite em pó, linha dourada (para peças menores a linha feita com a seda do Buriti não

⁵ O *sousplat* – nome de origem francesa, que significa suporte de prato – é um utensílio doméstico usado à mesa nas refeições.

é usada. Um fio industrializado na cor dourado é aderido ao artesanato) e arame. O principal instrumento é a criatividade da artesã. Com essas páginas encerra-se a segunda divisão do trabalho: a costura.

Durante a pesquisa realizada no Jalapão, uma das situações que mais chamou atenção foi a miséria e o isolamento da Região. Mesmo a 280 km de Palmas, verduras e legumes chegam apenas uma vez por semana na cidade. Um carro de som passa anunciando a chegada e os moradores vão logo em seguida para o “sacolão”. Quem não está com dinheiro, troca o artesanato por comida. Os atravessadores aproveitam dessa situação para lucrarem de forma absurda. Um exemplo dentre tantos possíveis é um chapéu que seria vendido na Associação por 70 reais é trocado por 25 reais em frutas e legumes.

A comercialização do Capim Dourado, terceira e última etapa do livro, começa nas páginas 36 e 37 com a situação descrita acima. Nas páginas 38 a 49 a negociação continua a ser retratada, salientando que este comércio é realizado dentro do Jalapão.

Como conclusão, o livro volta à personagem principal, Dona Petronilia. Ao se despedir, ela oferece um cafezinho, ressaltando que ainda é cedo e que sempre que quiser voltar ela está disposta a acolher. Na página 52 é exposta a ficha técnica de todas as fotografias.

O trabalho final ficou com 65 imagens organizadas em 55 páginas, impressas em papel A3, couchê 170 gramas. A impressão foi realizada em uma gráfica rápida. A opção por este tipo de gráfica se deve ao pouco número de cópias, cinco no total. O custo por unidade chega aos 125 reais (impressão, costura e capa dura). Somam-se a estes valores os custos da pesquisa: viagens, estadia, alimentação e custos extras com equipamento. O produto se torna viável mediante o auxílio de patrocinadores interessados em um registro documental sobre o artesanato com o Capim Dourado.

6 CONSIDERAÇÕES

O livro *“Fotografia Documental: uma visão sobre o Capim Dourado”* revela inúmeras possibilidades e desafios para o fotodocumentarismo. As teorias e as técnicas fotográficas, aprendidas no curso de Jornalismo fornecem o suporte necessário para ousar em documentar qualquer tema. Entretanto, Milton Guran (2002, p. 10) sugere que “No fotojornalismo, como em qualquer outra utilização da fotografia, o que importa é a eficiência da foto em transmitir com clareza uma determinada informação. Desse modo,

foto boa é foto eficiente”. Uma foto eficiente está intimamente ligada com a capacidade e a sensibilidade do fotógrafo. Cliques aleatórios não podem resultar em um bom trabalho.

Com esta pesquisa foi percebido o grande *déficit* em relação ao retrato humano de quem trabalha com o Capim Dourado. Outros pesquisadores já haviam visitado os lugares aos quais foram fotografados por esta pesquisadora (pesquisas sem imagens), mas poucos observaram a dura realidade das mãos cansadas de quem trabalha com o artesanato e sofre por não ser corretamente valorizado. Durante o desenvolvimento desta pesquisa houve um profundo crescimento profissional de quem vos escreve. Estar na rotina dos artesãos não significa participar com eles de todos os processos, significa se colocar discretamente como observadora e não influenciadora do seu cotidiano.

Durante esses seis meses de viagens, pesquisas, registros, seleção, edição, diagramação e impressão, foram encontradas dificuldades no transporte para o local da pesquisa; na seleção das imagens, devido ao grande número arquivado e, principalmente, na impressão do trabalho final.

Contudo, apostou-se em um projeto ousado que pudesse retratar cada pessoa envolvida no artesanato, na preocupação de registrar e difundir uma cultura belíssima. Um registro profundo para que, quando os leitores folhearem o livro, possam absorver com respeito o tema documentado e possam perceber que o fotodocumentarismo é um trabalho valioso. Assim, a imagem fotográfica estará disponível para todos que tem interesse em um jornalismo vivo e dinâmico, voltado para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARD, Sheila C. **Documentário**: técnicas para uma produção de alto impacto. Trad. Saulo Krieger. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto [et al.]. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 31-63.
- GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.
- KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O Que é Fotografia**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- PERUZZOLO, Adair C. O olhar cotidiano: estratégias sob a imagem. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de A.; PICCININ, Fabiana. **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 63-88.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotorjornalismo Ocidental**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.